



MUITO ALÉM DA MEMÓRIA: UM RELATO DOCENTE

Nesio Antonio Moreira Teixeira de Barros⁸

*“A trajetória profissional não é determinada pela idade;
ela é um processo que embora pareça linear, apresenta avanços,
recuos, descontinuidades ou mudanças impossíveis.”
(Antonio Bolívar)*

⁸ Professor da Unidade Especializada de Ciências Agrárias.



1. INTRODUÇÃO

Para delinear minha trajetória docente, tenho que voltar ao passado, pois foi esse passado que me deu a base para que eu me tornasse o professor que sou hoje.

Tudo começou na minha cidade natal, Areia (PB), cidade pequena, porém pródiga na cultura e na educação dos seus filhos. Essa cidade sempre foi destaque na Paraíba, pois deu, ao estado e ao país, pessoas de renome na política, nas artes, nas letras, na música, como, por exemplo, o pintor Pedro Américo de Figueiredo, famoso pelo quadro “O Grito do Ipiranga”, e José Américo de Almeida, autor do romance “A Bagaceira”,

o qual marcou época na fase do ciclo da cana-de-açúcar. Na literatura brasileira, a cidade tem 23 livros que tratam da sua história e do seu povo, escritos por autores locais; circularam na cidade, principalmente nos séculos XVIII e XIX, inúmeras revistas e jornais. O primeiro teatro da Paraíba fica em Areia, o Minerva, fundado em 1859.

Na minha cidade natal, no ano de 1936, foi também fundada a primeira Escola Superior de Agronomia do Nordeste, hoje transformada em Universidade Federal da Paraíba (UFPB), oferecendo 5 cursos de graduação (Agronomia, Zootecnia, Veterinária, Biologia e Administração), 3 cursos de mestrado (Produção Vegetal, Animal e Solos) e 3 de doutorado nas áreas citadas.

Por volta de 1945 se instalou na cidade um grupo de freiras franciscanas vindo da Alemanha. Estas fundaram a Escola Normal e o Colégio Santa Rita, os quais se tornaram referência no estado na oferta do ensino básico (primário) e fundamental (normal), de onde saíram várias e competentes professoras conhecidas, à época, como “normalistas”.

Com se vê, minha cidade sempre foi destaque na cultura e na educação, tornando-a, por isso, uma cidade de interior diferente exatamente pelo nível cultural do seu povo. Só para ilustrar, uma pergunta: Onde, em qual lugar do país, vamos encontrar uma cidade que tenha o barbeiro e o relojoeiro exercendo essas profissões durante o dia e, no turno noturno, ambos bacharéis em Matemática, exerçam a profissão de professor, em um colégio estadual? Pois em Areia existiam pessoas ilustres assim, deixando os seus habitantes orgulhosos.

Outro fato a destacar é o caso das irmãs franciscanas que, na missão evangelizadora e educacional, despertaram nos seus munícipes o amor pela música erudita, formando pianistas, violonistas, sanfonistas, coralistas, dentre outros, democratizando, assim, atividades artísticas antes só pensadas para as classes sociais mais elevadas.

Lembro que, durante a permanência das freiras franciscanas em Areia, as famílias com melhores condições sociais passaram a ter em

casa instrumentos musicais como piano, acordeom e violino. Os jovens foram despertados para a vocação musical ou para uma profunda admiração pela música de qualidade. Eu cheguei a fazer parte de um desses corais, e foi nesse clima cultural e educacional que eu passei a infância e a adolescência. Foi em Areia onde fiz os estudos em todos os níveis. Após a formação superior em Agronomia, retornei, anos depois, para os estudos, em nível de pós-graduação, no mestrado em Produção Animal, na área da Zootecnia. A seguir, um resumo dos estudos realizados e as lembranças mais marcantes da trajetória acadêmica.

2. TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Estudei o primário no colégio das freiras, famosas por uma disciplina inspirada pela cultura alemã. Reconheço que essa disciplina teve forte influência no meu caráter, também disciplinador. Entre os anos de 1959 e 1963 estudei no Colégio Santa Rita, onde tive acesso às primeiras letras e a uma disciplina exemplar. Tinha ordem e disciplina para tudo; até para irmos ao banheiro tínhamos de fazer fila dupla, que era comandada por um apito. Como se isso não bastasse, minha mãe também instituiu para mim uma caderneta de comportamentos não menos rigorosos. Até hoje ainda tenho guardados os boletins desse período do ginásio e a caderneta de comportamentos criada por minha mãe. Esses documentos são verdadeiras relíquias! São exemplos e símbolos representativos de uma época em que as relações entre pais e filhos, professores e alunos se davam em outras bases.

Em 1964, ingressei no Ginásio Coelho Lisboa para cursar o quinto ano primário. Era nesse estabelecimento onde os mais renomados professores da cidade lecionavam. No decorrer dos estudos, fiz exame de admissão, uma espécie de vestibular para ingressar no curso ginásial. Na época, fui aprovado no exame de admissão em 7º lugar. Essa classificação e as boas notas obtidas nos cursos primário e ginásial têm significado especial para mim. Os boletins amarelados que guardo até hoje registram conquistas que servem de exemplos para mim, como professor e como pai. Servem como incentivo aos alunos e aos meus filhos para desenvolverem o gosto e a dedicação aos estudos.

Nesse mesmo colégio onde cursei o ginásio, tive minha primeira decepção com uma professora, a qual me serviu de exemplo de como o docente não deve agir. Uma das práticas, talvez a mais perversa que ela usava, era a tal da prova “relâmpago”. A disciplina era Inglês e essa prova consistia em dizer oralmente os quesitos, um a um, e dar dois minutos para os alunos responderem; na sequência, a referida professora ditava os outros quesitos, respectivamente, e ao final desse tempo recolhia a prova. O momento era de muita tensão para os colegas da turma, especialmente para um jovem de 14 anos como eu, que ainda não tinha vivenciado uma experiência como aquela.

Desses tempos, vale lembrar que minha mãe foi professora primária e diretora, durante muitos anos, da Escola Reunida Padre Ibiapina, pertencente à paróquia fundada pelo Monsenhor Rui Barreira Vieira, que muito realizou em benefício da cidade. Sua atuação se destacou, principalmente, por ações nos campos social, religioso e educacional. Em Areia, havia ainda o Grupo Escolar Álvaro Machado, também de excelente qualidade; aliás, àquela época essa era característica muito comum do ensino público não só em Areia, mas também em outras cidades circunvizinhas que conheci.

Em 1969, nos submetemos a um teste de seleção para estudarmos no curso Técnico Agrícola, que funcionava nas mesmas instalações da Escola de Agronomia (EAN.), assim chamada à época. Essa possibilidade me deixou radiante, porque ia estudar no mesmo local de um curso superior e ainda mais com os mesmos professores que lá lecionavam. Essa foi uma experiência gratificante na qual aprendi várias lições e da qual obtive exemplos positivos e negativos de professores que contribuíram para o formato de meu perfil docente.

Dentre muitos, ressalto, por exemplo, o padre Rui Barreira Vieira, citado anteriormente. Professor de Português no curso técnico, ele tinha como norma chamar 4 a 5 alunos, a cada data nacional comemorativa, para falarem de improviso sobre aquela data. Para um aluno tímido como eu, essa atividade era tarefa muito difícil. Lembro-me que aqueles que ficavam se escondendo na parte de trás da sala eram os mais chama-

dos. Chamava normalmente pelo nome de cada um, pois ele nos conhecia muito bem, notadamente os da cidade, pois fazíamos parte de um grupo de jovens da paróquia do qual ele era coordenador. Essa foi outra experiência que me marcou, creio negativamente, pois até hoje não me sinto à vontade quando tenho que falar em público, de improviso. E, na minha atuação docente, evito fazer uso dessa prática, pois sou exemplo de como ela pode gerar tensão e dificultar a aprendizagem dos alunos.

Em 1971, como havia também um Colégio Agrícola na vizinha cidade de Bananeiras, a UFPB encerrou as atividades do Colégio de Areia e a nossa turma foi transferida para lá. Alguns preferiram não ir e ingressaram no curso científico (hoje ensino médio) que funcionava no Colégio Estadual. Dentre os estudantes que optaram pela mudança de cidade, lá estava eu, a enfrentar novos desafios para estudar. Essa foi uma experiência gratificante: sair de casa e estudar em regime de internato, principalmente pela possibilidade de convivência com amigos e amigas que já conhecia desde o ginásio. Durante um ano, estudei com grandes professores. Os estudos foram muito pesados, pois eram muitas disciplinas para estudar. Além da formação em nível técnico, o curso também preparava para o vestibular. Dos 30 alunos da turma, somente dois não tiveram êxito no vestibular de 1972. A maioria fez opção por Agronomia e lá estava eu, buscando conhecimento nessa área pela qual demonstrava muito interesse.

No curso superior tive outras experiências gratificantes que alicerçaram minha carreira como docente. Como eu já citei, foram muitos os exemplos positivos dos professores. Muitas coisas eu também aprendi com algumas práticas negativas, as quais, hoje, tenho clareza de que eram antididáticas, por não contribuírem para a aprendizagem dos estudantes. Por exemplo, tive um professor da disciplina Forragicultura que somente na véspera das provas entregava as apostilas (sempre mais de uma) para os alunos estudarem; e mais, sem as ter explicado. Assim, ele cobrava nas provas conteúdos que não tinham sido bem trabalhados ou explicados durante as aulas. Outro agravante dessa situação era a seguinte: como o professor sabia que a atitude dele poderia gerar “colas”, ele colocava sua cadeira em cima do birô e lá se sentava, para ter

um ponto de observação melhor sobre as atitudes que ele considerava suspeitas. Àquela época, essa cena já se configurava como algo ridículo, sem qualquer sentido educativo.

Do conjunto das experiências, posso assegurar que todas me ensinaram muito e contribuíram para a formação do meu perfil de professor. Tive professores com grande domínio de conhecimento e experiências magníficas; com postura ética e didática capazes de despertar confiança, dar explicações lógicas, despertar o raciocínio, estimular questionamentos, enfim, professores que estimulavam a curiosidade pelos assuntos envolvendo a disciplina, que sabiam conduzir os trabalhos dos alunos em grupos e suas respectivas apresentações.

3. INSERÇÃO NO MAGISTÉRIO

Concluído o curso de Agronomia em 1976, nesse mesmo ano fiz concurso público para a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (EMATER). Aprovado, fui trabalhar no município de Ceará Mirim e, uma semana após assumir o escritório, fui convidado pelas assistentes sociais dessa empresa para fazer uma palestra sobre a cultura da cana-de-açúcar na zona rural do município. Essa era a cultura que dominava nos tabuleiros e várzeas do município. Para mim, essa foi uma experiência negativa, pela dificuldade que eu sentia em falar em público. Por sorte, a plateia era composta por moradores com um nível não muito exigente em termos de compreensão e percepção, mas não foi tarefa fácil.

Depois de alguns meses de trabalho, a EMATER me indicou para lecionar em um Programa Intensivo de Preparação de Mão de Obra Rural (PIPMO). Para assumir essas novas tarefas, participei de um curso preparatório em Natal e, semanas depois, eu estava, então, dando minhas primeiras aulas como instrutor desse curso. Na época, as principais ferramentas didáticas eram os famosos “álbuns seriados” e a tradicional lousa. Lá estava eu, mais uma vez, assumindo funções que me obrigavam a enfrentar a timidez de falar em público; e, outra vez, atuando como professor.

Sentia-me com a responsabilidade de ensinar, transmitir os conhecimentos e experiências aprendidas. Zootecnia era o tema principal do curso, já que ele era voltado para o treinamento de peões e vaqueiros na lida diária com o gado de leite. No ano seguinte, tive a oportunidade de lecionar em um novo curso, desta vez, oferecido para tratar do gado de corte. A despeito de já ter vivenciado outras experiências, considero que foi esta a minha iniciação como professor, razão pela qual guardo fotos das primeiras aulas ministradas no PIPMO. A essas alturas, tinha clareza de que o exercício da docência me dava realização profissional. A cada nova experiência, eu ia me firmando, redescobrimo facetas da personalidade e tomando gosto pela profissão de professor.

Saí da EMATER/RN em 1978 e ingressei no mestrado em produção animal, na UFPB. Mais uma vez, volto à minha querida cidade, Areia, e nesse mesmo ano fui contratado como professor da UFRN, onde permanece até hoje.

Ao concluir o mestrado, assumi as funções docentes na UFRN, lecionando no Colégio Agrícola de Jundiá, campo que serviu de base para o meu aprimoramento como docente. Lecionei por 15 anos nesse colégio. A partir de 1985, passei a exercer atividade docente também no curso de graduação em Zootecnia da UFRN, no qual fui coordenador de curso por três vezes e chefe do departamento de Agropecuária, no período de 1989 a 1991. Mas, da experiência nas funções de gestão falo depois. Agora, preciso ressaltar que a experiência como docente no Colégio Agrícola de Jundiá foi muito enriquecedora para instituir o meu perfil de “mestre”.

4. A ATUAÇÃO DIDÁTICA E A REALIZAÇÃO PROFISSIONAL

Nas minhas aulas, eu procurava imitar as boas práticas que eu tinha visto e aprendido com meus professores nos tempos de estudante e a jamais repetir o que eu tinha vivenciado ou observado que, de alguma forma, em nada contribuiria para o aprendizado dos alunos. Assim, anos após anos fui me aprimorando, me aperfeiçoando e descobrimo cada vez

mais aquelas características atribuídas ao “bom professor”. Decorridos 34 anos no magistério, minha mãe, considerada até hoje como uma excelente professora, também teve uma parcela de influência no professor que sou hoje. Ela é uma daquelas educadoras que os estudantes não esquecem.

Minha atuação didática em sala de aula é marcada pela seriedade e disciplina, com o cuidado para não ser autoritário. Tenho a atenção de deixar a turma à vontade; incentivo os alunos a participarem da aula; estimo a troca de experiências e isso tem especial importância em um curso das Ciências Agrárias, pois este curso conta sempre com alunos advindos do campo, portanto, com experiências e vivências práticas, do cotidiano da vida rural, desde suas origens. Procuro criar um clima para que os alunos possam fazer qualquer tipo de questionamentos, pois sempre acreditei que a boa aula é aquela em que há interação entre docente e discente. Uma aula em que os alunos sejam instigados a fazer crítica sobre determinado tema ou enunciado e, principalmente, “prestar atenção nas exposições”. Noto que hoje o aluno não usa mais o rascunho. Como são da geração em que tudo tem que ser rápido, para ganhar tempo, já fazem anotações diretamente no caderno ou no computador. Lembrome que os rascunhos de aula eram verdadeiros guias para orientar a organização dos conteúdos, nas horas de estudo em casa.

A meu ver, o bom educador é aquele que dá oportunidade ao aluno para criar, expor ideias; é aquele que garante ao educando o direito de poder construir conhecimentos a partir das suas experiências. Deve propor problemas aos alunos, sem ensinar-lhes a solução. Sua função é provocar desafios. Como dizia Confúcio: “Estudar sem raciocinar é trabalho perdido” (CONFÚCIO apud D’AMBROSIO, 2008, p. 128) ou como afirmava Charles Darwin: “A atenção é a primeira das faculdades a ser usada para o desenvolvimento da inteligência” (DARWIN apud, SILVA, 2004, p. 92), ou ainda como bem dizia Horace Mann: “Um professor que tenta ensinar, sem inspirar o aluno com o desejo de aprender, está martelando em ferro frio” Pois bem, estes sempre foram os meus lemas como docente: estimular o aluno a raciocinar, a questionar, a prestar atenção, enfim, a se sentir inspirado a estudar cada vez mais aquela disciplina. Obviamente, essas características didáticas são muito

importantes para a docência. Sendo uma arte por excelência, a docência abrange um aspecto importante a ser considerado: a pessoa humana que a executa como profissão, principalmente a sua sensibilidade para as coisas e para as pessoas, no caso, os alunos.

Acredito que o professor pode contribuir, na verdade, ele tem um grande papel nessa função, para que o ensino tenha êxito. Segundo relato dos alunos, há professores que agem ao contrário, fazendo com que se sintam totalmente desestimulados para estudar uma determinada disciplina e a continuar estudando no próprio curso que escolheram. No início de cada semestre, sempre procuro gravar os nomes dos alunos. Essa prática me acompanha desde o Colégio Agrícola de Jundiaí e facilita em muito minha relação com os alunos. Gosto que os alunos participem fazendo questionamentos sobre os conteúdos que estou apresentando e, sempre que possível, me dirijo a eles pelo nome. Com essa filosofia de trabalho, creio que tenho deixado minha marca no curso que leciono. Como afirmava Jim Davis, acredito que “os livros e os mestres são auxiliares necessários, mas é do esforço próprio que saem os mais belos resultados”. Nesse sentido, tenho procurado, também, provocar os alunos a não ficarem satisfeitos apenas com o que lhes é transmitido nas aulas, mas sim procurar outras fontes sobre o assunto que lhes é ministrado e, a partir daí, terem mais subsídios para trabalhos, questionamentos, enfim, para uma melhor compreensão de um determinado conteúdo.

Outra marca da minha atuação profissional é que procurei pautar meus ensinamentos em despertar nos alunos a curiosidade científica. Creio que o bom professor é aquele que gera nos alunos dúvidas sobre determinado tema, para que eles possam se sentir estimulados a buscar as repostas, desenvolvendo, portanto, a capacidade de raciocínio e de questionamento. Realizo seminários para dinamizar o debate científico, o que torna o ensino bem mais proveitoso para o aproveitamento da disciplina em questão. Nesses seminários, observo que os alunos têm dificuldades ou evitam fazer perguntas aos colegas. Há sempre aquele temor de perguntar alguma coisa que, por acaso, o colega não saiba, e aí deixar a impressão de que estava querendo prejudicá-lo. Para enfrentamento a esse problema, coloco para quem está apresentando um

seminário que em caso de uma indagação que porventura ele não saiba, o professor está ali para tentar responder, e esse fato não irá de maneira alguma prejudicá-lo na avaliação de seu desempenho. O questionamento é importante para enriquecer o debate com a pergunta levantada. Gradativamente, venho conseguindo maior participação dos alunos, tanto em seminários como na interpelação durante as aulas expositivas.

Aceitando o princípio de que “a educação é uma autoeducação”, conforme as ideias de Kerschensteiner, o aluno deve ser responsável por sua aprendizagem e não devemos esperar que ele simplesmente adquira o conhecimento, “transferido” de mestre a discípulo, como preconizava a velha pedagogia. Se me fosse permitido indicar aqui qual o melhor método para ensinar Zootecnia, a resposta seria única: despertando o interesse dos alunos e fazendo com que se envolvam nas atividades, sintam a necessidade do conhecimento. Cabe ao professor o papel de guia, de orientador, de conselheiro, de estimulador. E, nesse caso, em vez de se postar diante de seus alunos como dono do conhecimento, deveria ficar no meio deles, como preconizava Lourenço Filho. Assim, para tornar mais vivo o ensino da Zootecnia como Ciência, devemos dar realce muito mais ao esforço do aluno do que à sua atenção em ouvir uma preleção do professor. Nas situações de ensino, o bom professor deveria estimular a atitude mental ativa, eminentemente despertadora das atividades psíquicas em conjunto como, por exemplo, a memória; a observação; a apreciação e o julgamento de valores; o espírito crítico (LOURENÇO FILHO apud DOMINGUES, 1958, p. 35).

De nada vale a perfeição na seriação das matérias, de nada vale o número destas e sua qualidade, de nada valem os programas e o perfeito ajustamento entre eles, de nada valem as instalações da escola, se o professor não é um mestre. E o mestre se revela não tanto por sua competência, pela sua cultura, pelos seus dotes intelectuais. Revela-se, sobretudo, pelo entusiasmo que possa despertar em seus alunos. O mestre entusiasta, alegre e animado – disse Aguayo – costuma ter alunos atentos e interessados, porque a primeira condição de toda a aprendizagem é que o mestre revele na conduta um grau suficiente de simpatia e entusiasmo (AGUAYO apud DOMINGUES, 1958, p. 36).

Pois é na direção dessa perspectiva que procurei pautar a minha vida como docente. Nesses 30 anos de magistério, estive atento às opiniões dos alunos e, pelos depoimentos de ex-alunos, creio que consegui alcançar esse objetivo. Portanto, com esse entusiasmo, procurei demonstrar que fiz minha vida docente na UFRN com muito orgulho e dedicação. Espero que a minha experiência tenha servido como exemplo para os novos profissionais da Zootecnia, formados pela UFRN, nessas 3 décadas no exercício do magistério. E como um entusiasta da profissão, nada melhor do que encerrar este relato reafirmando a satisfação de ter aceitado o desafio de escrever sobre minha trajetória de vida escolar e da escolha pelo magistério. Foi um exercício no qual a memória remexeu no passado e fez emergir cidades, imagens, emoções, palavras, pessoas, fatos, histórias, trabalho, professores e alunos. Foi o que me aconteceu neste relato. Enfim, as lembranças da vida de professor que vão me deixar saudades que gostamos de ter.

REFERÊNCIAS

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Trajetória profissional de docentes universitários: um estudo no campo da saúde. In: BOLZAN, Doris P. de Vargas; ISAIA, Silvia M. de Aguiar. **Pedagogia universitária e desenvolvimento profissional docente**. Porto Alegre: DIPUCRS, 2002.

DOMINGUES, Otávio. **Considerações em torno do ensino da zootecnia**. São Paulo: Nobel, 1958.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Uma história concisa da matemática no Brasil**. São Paulo: Vozes, 2008.

SILVA, Paulo Neves da. **Dicionário de citações**. São Paulo: Âncora, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2010.